

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Henrique de Souza Polesi

A POLÍTICA REDUZIDA A ENTRETENIMENTO:
A FUNÇÃO PÚBLICA DA FILOSOFIA EM TEMPOS DE OBSCURANTISMO

Santo André - SP

2020

Henrique de Souza Polesi

**A POLÍTICA REDUZIDA A ENTRETENIMENTO:
A FUNÇÃO PÚBLICA DA FILOSOFIA EM TEMPOS DE OBSCURANTISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à licenciatura em filosofia da Universidade Federal do ABC como requisito para a obtenção de título de licenciado em filosofia. Linha de pesquisa: Redes sociais, filosofia política, democracia, educação.

Orientadora: Fernanda Carlos Borges

Santo André

2020

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do ABC

Elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFABC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Souza Polesi, Henrique de
A política reduzida a entretenimento : A função pública da
filosofia / Henrique de Souza Polesi. — 2020.

37 fls.

Orientadora: Fernanda Carlos Borges

Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade Federal do ABC,
Licenciatura em Filosofia, Santo André, 2020.

1. Iluminismo. 2. Entretenimento. 3. Política. 4. Filosofia. 5.
Redes sociais. I. Carlos Borges, Fernanda. II. Licenciatura em
Filosofia, 2020. III. Título.

Este artigo foi revisado e alterado em relação à versão original, de acordo com as observações feitas na avaliação, sob responsabilidade única do autor e anuência da orientadora.

Santo André, _____ de _____ de 2020

Assinatura do autor: _____

Assinatura do orientador: _____

Henrique de Souza Polesi

A POLÍTICA REDUZIDA A ENTRETENIMENTO:
A FUNÇÃO PÚBLICA DA FILOSOFIA EM TEMPOS DE OBSCURANTISMO

Este trabalho foi julgado e aprovado para a obtenção do título de licenciado em filosofia pela licenciatura em filosofia da Universidade Federal do ABC.

Santo André - SP, _____ de _____ de 2020

Prof. Dr. André Luis La Salvia

Avaliação:

Prof. Dr. Fernanda Carlos Borges

Orientadora

Prof. Dr. Marília Mello Pisani

Universidade Federal do Abc

RESUMO

Apesar da grande potência de nossas ferramentas de comunicação, observamos que a política contemporânea não caminha na direção do esclarecimento. Uma indústria de entretenimento político e plataformas virtuais que modulam o comportamento dos usuários por meio de algoritmos se somam a problemas mais antigos da humanidade como o fanatismo e a superstição. Podemos notar na história da filosofia, sobretudo no Iluminismo, que o discurso filosófico tem uma função vital no espaço público. O exercício público da filosofia divulga ferramentas conceituais fundamentais para o pensamento crítico e estabelece as condições para que um debate produtivo de ideias seja possível. Se desejamos alguma espécie de emancipação intelectual diante de uma indústria que lucra com o extremismo político, precisamos de critérios de verdade, de genealogia, fenomenologia, ontologia, ética, estética, etc. Neste artigo discutiremos o obscurantismo contemporâneo e o lugar da filosofia como uma força a favor da democracia e do esclarecimento. Demonstraremos que temas clássicos da filosofia como o fanatismo e a superstição são ferramentas potentes para a compreensão de fenômenos políticos contemporâneos e que o pensamento filosófico é capaz de superar ou renovar hábitos intelectuais e práticos.

Palavras-chave: Iluminismo, filosofia, democracia, obscurantismo, superstição, fanatismo, redes sociais, política, entretenimento

ABSTRACT

Despite the great potency of our communication tools, we observe that contemporary politics do not tend towards enlightenment. An industry of political entertainment and social media platforms that modulate the user's behavior with algorithms are added to older human issues such as fanaticism and superstition. One may note that in the history of philosophy, above all in the Age of Enlightenment, philosophical discourse has a vital public function. The public exercise of philosophy spreads important conceptual tools for critical thinking and establishes the conditions for a productive debate of ideas. If we wish for some degree of intellectual emancipation before an industry that profits from political extremism, we need criterias of truth, genealogy, fenomenology, ontology, ethics, aesthetics, etc. In this article we will discuss contemporary obscurantism and the role of philosophy as a force in favor of democracy and enlightenment. We will demonstrate that classic topics in philosophy such as fanaticism and superstition are potent tools for understanding contemporary political phenomena and that philosophical thought can overcome or renew intellectual and practical habits.

Keywords: Enlightenment, philosophy, democracy, obscurantism, superstition, fanaticism, social media, politics, entertainment

SUMÁRIO

1. Política e Superstição.....	8
2. A Mensagem Política das Redes Sociais.....	15
3. A Política como Entretenimento.....	21
4. Engajamento Filosófico.....	26
5. Referências.....	35

1. Política e Superstição

Quando observamos os debates políticos que ocorrem diariamente nas redes sociais, notamos que o avanço das ferramentas de comunicação não implica em um avanço do diálogo. O debate público atual – se pode ser chamado assim, seja de “debate” ou de “público” – no Brasil e em diversos outros países se encontra em um estado de calamidade, repleto de afetos desgovernados. Para iniciarmos uma observação cuidadosa dos padrões afetivos e discursivos da política contemporânea, podemos aprender muito com a narrativa que Voltaire fez do caso de Jean Calas. Se trata de um exemplo singular de fanatismo, de confusão institucional e de política baseada em perseguição a inimigos imaginados. Vejamos como o autor narra a importância do caso:

O assassinio de Calas, cometido em Toulouse com o gládio da justiça, a 9 de março de 1762, é um dos mais singulares acontecimentos que merecem a atenção de nossa época e da posteridade. Esquece-se facilmente a quantidade de mortos em batalhas sem conta, não somente por tratar-se da fatalidade da guerra, mas porque os que morrem pela sorte das armas podiam também dar a morte a seus inimigos, e não morreram sem se defender. Lá onde o perigo e a vantagem são iguais, o espanto cessa, a própria piedade diminui; mas, se um pai de família inocente é entregue às mãos do erro, da paixão, ou do fanatismo; se o acusado só tem como defesa sua virtude; se os árbitros de sua vida, ao decapitarem-no, apenas correm o risco de se enganar; se podem matar impunemente através de uma sentença, então o clamor público se levanta, cada um teme por si próprio, percebe-se que ninguém está seguro de sua vida diante de um tribunal erigido para zelar pela vida dos cidadãos, e todas as vozes se levantam juntas para pedir vingança. (Voltaire, 2000, pg. 3)

Um dos filhos de Jean Calas, Marc-Antoine, cometeu suicídio. A família de Calas era protestante e vivia em Toulouse cercada por católicos e pelo poder institucional da Igreja Católica. Ao encontrar o corpo do irmão, Pierre Calas saiu para as ruas procurando um médico, atraindo assim a atenção da população para o suicídio que surpreendeu a família. O evento inflamou a imaginação de uma multidão católica que sempre olhou para a família protestante com uma desconfiança supersticiosa. Vozes convictas afirmaram que Jean Calas, um comerciante

de 68 anos, havia enforcado o próprio filho porque Marc-Antoine era católico e seu pai não o aceitava. O crime imaginado foi divulgado rapidamente e logo foi tomado como um fato por uma multidão furiosa que exigia a punição de todos os membros da família. Um oficial que, como Voltaire destaca, provavelmente queria ganhar fama concordando com a multidão ordenou a prisão da família inteira, além de uma criada e de um amigo de Pierre. O procedimento foi completamente ilegal, mas o caso seguiu para o julgamento. Os juízes se dividiam entre aqueles que exigiam a condenação de todos os presos, os moderados que demandavam ao menos um interrogatório e um que pedia piedade para a família. A fúria daqueles que exigiam a condenação persuadiu alguns dos inicialmente moderados e afastou aquele que se posicionou contra o processo como um todo. Ao fim de um longo debate, oito entre os treze juízes votaram pela condenação de Jean Calas à morte. Calas foi torturado e intimidado várias vezes no calabouço até sua morte no suplício da roda. Durante todo o processo defendeu sua inocência e chegou a pedir que Deus perdoasse seus juízes em suas últimas palavras. A postura de Calas diante da morte causou uma forte impressão, e as discussões sobre o caso foram retomadas. Questionar a validade do suplício imposto era impossível para os juízes, seria a confissão de que um inocente foi assassinado. Mas as contradições da condenação se tornavam aparentes. Foi redigida então uma segunda sentença que condenava o restante dos presos, mas foi observado que seu conteúdo entrava em contradição com o texto da primeira. Finalmente, os juízes decidiram condenar Pierre Calas ao exílio, e os demais presos foram “perdoados”. Se livraram assim do caso, como se tivessem agido com justiça e piedade.

O julgamento de Calas expressa o severo perigo político que a superstição representa para uma sociedade. O medo produz relações fantasiosas de causa e efeito entre eventos, indivíduos e grupos – cada conexão imaginada define uma superstição (Espinosa, 2004). A multidão que luta contra suas próprias ilusões interpreta qualquer fato como comprovação de seus delírios e não se satisfaz até que suas superstições sejam provadas sem possibilidade de dúvida – impossibilidade que produz violência infinitamente. Aqueles que manipulam o poder político através da superstição não podem contradizer os delírios da população e também não podem obedecer suas

próprias leis quando o clamor do público exige resoluções imediatas que contradizem os procedimentos institucionais. Assim se estabelece aos poucos um estado de exceção. Tanto no imaginário da população quanto na lógica das instituições a base da política se torna um encadeamento de erros. A superstição provoca celebrações e massacres igualmente:

Não há intolerância, intransigência ideológica ou proselitismo que não revelem o fundo bestial do entusiasmo. Que perca o homem sua faculdade de indiferença: converte-se num potencial assassino; que transforme sua ideia em deus: as consequências são incalculáveis. Nunca se mata tanto quanto se mata em nome de um deus ou de seus sucedâneos: os excessos suscitados pela deusa Razão, pela ideia de nação, de classe ou de raça são semelhantes aos da Inquisição ou da Reforma. As épocas de fervor se sobressaem nas façanhas sanguinárias: Santa Tereza não podia deixar de ser contemporânea dos autos de fé e Lutero da matança dos camponeses. Nas crises místicas, os gemidos das vítimas são paralelos aos gemidos de êxtase... Patíbulos, calabouços e masmorras nunca prosperam tanto quanto à sombra de uma fé, dessa necessidade de crer que tem infestado os espíritos para sempre. O diabo empalidece junto a quem dispõe de uma verdade, de sua verdade. Somos injustos com os Neros ou os Tibérios: eles não inventaram o conceito de herege: não foram senão sonhadores degenerados que se divertiam com as matanças. Os verdadeiros criminosos são os que estabelecem uma ortodoxia sobre o plano religioso ou político, os que distinguem entre o fiel e o cismático [...].” (Cioran, 1995, pg. 11)

O fanatismo produz desgraças sociais mais profundas que qualquer impulso violento particular. O fanático institui a violência como projeto de salvação. Um indivíduo não precisa ser “corrupto”, “bandido” ou “imbecil” para cometer crimes contra a sociedade e contra a humanidade – basta que ele acredite que suas ideias são o mesmo que a verdade, que sua convicção não poderia jamais se enganar. Como Cioran observou, o fanático pode atuar igualmente como tirano ou mártir, pois busca o reforço de suas crenças no sofrimento e na crueldade. Sofrendo ou praticando a violência, o fanático se torna “puro”, se convence de que recebeu o dever de representar a verdade divina diante dos “impuros”, “vagabundos”, “esquerdistas”, “imbecis”, etc. Por mais socialmente deletério que esse padrão seja, cria-se assim um sentido para a vida. As teorias da conspiração e a violência criam um procedimento – algo

para fazer, algo para dizer e para a esperar. Livre de toda dúvida e acreditando em um propósito absoluto ou “objetivo”¹, o fanático insiste incorruptivelmente em sua miséria.

Avançamos muito em termos de tecnologias de comunicação desde os tempos de Voltaire e essas ferramentas impactam profundamente a potência de um discurso. Entretanto, é imperativo que casos como o de Calas nunca sejam considerados distantes ou impossíveis em uma democracia², porque o fanatismo e a superstição são elementos da condição humana (ou no mínimo de nossa história até o momento) que podem orientar o uso qualquer tecnologia ou instituição. É esse perigo que mantém a atualidade do espírito iluminista e que mantém a importância vital do exercício público da filosofia como uma força contra o fanatismo. O combate à superstição e ao medo, aos excessos dos discursos prepotentes e fanáticos, a afirmação teórica e prática de que existe um debate a ser feito entre sujeitos que se reconhecem e a elaboração de projetos intelectuais que articulam as diversas disciplinas e agentes do conhecimento são alguns dos deveres intelectuais assumidos por filósofos iluministas como Voltaire e Kant – e de maneira mais geral esse espírito público se manifesta em diversos filósofos classificados sob outras tradições³. Estudamos com frequência as contribuições teóricas desses filósofos, mas não devemos nos esquecer do exemplo para a prática pública da filosofia que tais figuras proporcionam. A filosofia não é apenas um exercício de leitura e escrita, mas contém um aspecto prático diretamente relacionado à construção de um espaço público no qual a discussão de ideias seja viável. Não basta que cada um tenha o direito de dar sua opinião, é preciso que cada sujeito seja capaz de entender e comunicar ideias, de pensar criticamente comparando elementos de diversas possibilidades intelectuais.

-
- 1 A ideia de objetividade frequentemente é usada como máscara para imposições e pressupostos questionáveis. Até mesmo o trabalho científico sério corre o risco de estabelecer causalidades indevidas entre fatos experimentais e construções sociais, e figuras políticas frequentemente usam esse recurso.
 - 2 Inúmeros brasileiros inocentes são assassinados por autoridades que assumem uma interpretação fanática do combate ao crime, que se intensificou com a eleição de Jair Bolsonaro.
 - 3 Hegel, Sartre, Beauvoir, Camus e Fanon são exemplos de intelectuais que classificamos sob outras tradições de um ponto de vista teórico, mas que também atuavam filosoficamente em um sentido público.

É nessa espécie de contribuição que se especializou Voltaire, que analisava filosoficamente discursos e acontecimentos nos campos da ciência e da política, procurando despertar no público o espírito das luzes. Uma democracia se degenera em todos os aspectos sem espaços efetivos de diálogo. A interpretação e discussão filosófica daquilo que se produz nas mais diversas áreas da cultura possibilita a construção de um sentido público intelectual, de um senso de que existe um diálogo de ideias e de que existe um motivo profundo para que esse diálogo seja preservado. Nos tempos de Voltaire, esse motivo público foi o espírito do Esclarecimento, a sensação de que a racionalidade humana estava sendo tomada como o mais importante projeto. Esse espírito atravessava a arte, a ciência e a política. É bastante claro que oferecendo ao público sua definição do Esclarecimento, Kant pretendia cultivar a valorização da liberdade intelectual e a civilidade na população, despertando no sujeito a indignação racional contra o obscurantismo:

" Para este esclarecimento, não é exigido nada mais senão liberdade; e, aliás, a mais inofensiva de todas as espécies, a saber, aquela de fazer em todas as circunstâncias uso público da sua razão. Só que ouço clamarem de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai! O conselheiro fiscal diz: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote: não raciocineis, mas crede! (Somente um único senhor no mundo diz: raciocinai tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes; mas obedecei!) Por toda parte, o que se vê é limitação da liberdade. Porém, qual limitação à liberdade é contrária ao esclarecimento? Qual não o é, sendo-lhe, antes, favorável? – Respondo: o uso público de sua razão deve sempre ser livre, e ele apenas pode difundir o esclarecimento entre os homens; o uso privado da mesma pode, contudo, ser estreitamente limitado, sem todavia por isso prejudicar sensivelmente o progresso do esclarecimento." (Kant, 2009, pg. 2)

Atualmente notamos que, apesar de nossas ferramentas de comunicação e de uma estrutura institucional democrática, a crença na possibilidade de uma troca produtiva de ideias entre pessoas que discordam se torna cada vez mais rara – e essa descrença não parece injustificada diante do cenário que pode ser observado a qualquer momento nas redes sociais. Influenciadores digitais ganham poder político com a demanda da população por ideias estruturadas enquanto o

abismo entre o público e o meio acadêmico representa na prática um abandono do Esclarecimento enquanto projeto pedagógico. A presença pública de intelectuais é necessária para que a população se interesse pelo conhecimento com critérios, conhecendo pelo exemplo os caminhos para o desenvolvimento intelectual. A distância atual entre o mundo dos artigos acadêmicos e a conjuntura social permite que o debate público seja consumido pelo imaginário constituído nas redes sociais. A ideia de que a filosofia é uma área de fruição acadêmica independente de qualquer propósito prático é uma superstição. No imaginário popular é comum a crença de que a filosofia é inútil – afirmação que parte de uma população explorada justamente sob certos conceitos de utilidade, produtividade, etc. Outros discursos, presentes principalmente no meio acadêmico, colocam a filosofia como “um bem em si”, como se esse “bem em si” não necessitasse de uma estrutura econômica e cultural para continuar sendo “bom em si mesmo”.

A filosofia é o antídoto soberano contra a superstição, contra uma vida perdida em afetos desgovernados e miseráveis (Hume, 1987). É um contrassenso sustentarmos ao mesmo tempo que a democracia é o melhor sistema político possível e que a filosofia é inútil – um público que encontra estrutura intelectual apenas no fanatismo não pode produzir outra coisa além da gradual corrupção da vida pública. Afirmar que algum refinamento intelectual é necessário para que juízos políticos adequados sejam formulados não é elitismo – uma preocupação que afasta muitos indivíduos das ideias iluministas no campo político. O acesso da população a grandes obras e debates refinados é uma profunda política de inclusão. Em uma sociedade na qual somos ludibriados diariamente por inúmeros influenciadores, ferramentas de desenvolvimento intelectual como as obras clássicas da filosofia se tornam essenciais. Um indivíduo precisa saber como formular critérios de racionalidade para não ter seus afetos manipulados constantemente por um bombardeio diário de informações direcionadas. Cultivamos uma população que precisa lidar com um enorme volume informações e interpretações conhecendo menos que o básico enquanto especialistas acadêmicos se aprofundam até que seus temas se tornem minúsculos e incomunicáveis. Assim fanáticos e ignorantes dominam o imaginário popular facilmente, institucionalizando superstições. É sintomático que no Brasil “ser político” seja no senso comum

uma espécie de profissão (e que se confunde cada vez mais com a publicidade digital), como se existisse uma classe que é política e outra que não é. O poder político em uma democracia pertence a cada cidadão, e o papel de um representante é ser um porta-voz das demandas formuladas pelo público. Mas é notável que a população foi condicionada para idolatrar certos “políticos”, para seguir figuras influenciadoras esperando uma salvação.

2. A Mensagem Política das Redes Sociais

" Em uma cultura como a nossa, há muito tempo acostumada a partir e dividir todas as coisas como um meio de controle, é às vezes um pouco chocante quando somos lembrados de que, como um fato operacional e prático, o meio é a mensagem. "

(McLuhan, 1964, pg. 1)

McLuhan aponta para o quanto as tecnologias que utilizamos formam nossa subjetividade e nossa sociedade. A separação entre o meio de comunicação e o conteúdo que se pretende comunicar costuma permitir o esquecimento da influência que o meio exerce sobre a mensagem. Por exemplo, uma postagem no Facebook é feita em uma plataforma formulada e controlada por uma empresa que pretende lucrar com o consumo e com a produção dos mais diversos tipos de discurso. O consumidor da plataforma facilmente se esquece de que está consumindo a rede social como um produto e como um sistema de decisões. Um algoritmo decide o alcance de cada mensagem produzida e direciona a atenção de cada usuário. A forma como a rede administra informações determina, por exemplo, o padrão discursivo que um sujeito deve assumir caso queira ampliar seu público, receber mais curtidas em suas postagens, etc. O consumidor é condicionado pela repetição de certos estímulos e, eventualmente, os formatos favorecidos pelo algoritmo são naturalizados no comportamento discursivo do público. Stiegler observou o efeito comportamental das redes sociais sobre os seus consumidores:

“Com o advento dos smartphones e das redes sociais, a digitalização generalizou a difusão de dispositivos eletrônicos portáteis, ou seja, a conexão generalizada, ubíqua e permanente: mais da metade da população mundial está na rede. Esse processo transforma os produtos industriais, os serviços, os materiais de construção, para permitir a calculabilidade de todos os fluxos de comportamento através de algoritmos, eliminando aquilo que não é calculável e marginalizando aquilo que é singular, com a imposição de um poder planetário exercido por alguns atores estadunidenses, mas também chinês. Isso leva a sermos

teleguiados com base exclusivamente em critérios de mercado, gerando aquele homem médio que Musil considera sem qualidades. [...] As plataformas destruíram a web. Inicialmente, eram concebidas para favorecer o debate científico e público, lutavam contra a entropia e pela defesa da diversidade. Só esta garante uma verdadeira racionalidade, isto é, uma racionalidade crítica, apta a promover uma ciência aberta. (Stiegler, 2018)

As opções de configuração dadas em cada plataforma são elementos secundários diante da estrutura universal e oculta do algoritmo. Não se trata de uma inovação das redes sociais. Toda mídia tem um algoritmo, um sistema que determina como uma informação chega ao público. O aspecto prático da produção de conteúdo em uma mídia influencia o conteúdo e as interpretações de uma mensagem antes da vontade do autor. Porém, uma rede social opera sob um sistema lógico. Se os editores de um jornal precisam modelar notícias constantemente, buscando público e promovendo seus interesses, um algoritmo decide como manter um usuário conectado a partir dos dados que ele próprio produz. Assim uma rede social gera lucro com o reforço de todas as narrativas ao mesmo tempo. Informações são palavras de ordem, dar uma informação é inclinar o sujeito em alguma direção (Deleuze, 1999). Um algoritmo registra o fato de que um sujeito se envolve frequentemente com certo tipo de conteúdo e o mantém engajado na plataforma encontrando estímulos semelhantes, sem necessidade de interpretações de como o público se comporta ou se comportaria. No caso do YouTube, por exemplo, as diferentes reações do público diante de um vídeo podem ser comportamentalmente verificadas através de botões como o "like" e o "dislike", através da quantidade de comentários e das palavras que surgem na discussão. Com essas informações um algoritmo organiza a experiência do usuário, maximizando seu consumo da própria plataforma como produto. O sujeito, por sua vez, tem um reforço positivo exatamente nessas tendências comportamentais que são instrumentalizadas pelo algoritmo. Os afetos do indivíduo e os limites de sua linguagem são modulados nesse processo. Podemos afirmar que grande parte da mensagem do que se produz nas redes sociais se encontra na estrutura do algoritmo, mais do que no conteúdo dos discursos. O que é dito em um vídeo ou postagem pode facilmente ser esquecido, mas o condicionamento dos hábitos intelectuais e discursivos transforma o usuário. As redes sociais são atualmente utilizadas como se fossem espaços públicos de discussão política, apesar de uma estrutura direcionada aos interesses privados das respectivas

empresas. Esse processo de modulação comportamental provoca uma série de efeitos afetivos e políticos aparentemente colaterais, mas que constituem a mensagem de fato dessas plataformas – independentemente da propaganda que cada empresa faz sobre seu produto.

Vejam alguns exemplos dessas narrativas:

“ Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo. Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias.” (<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>)

“ Dar às pessoas o poder para construir uma comunidade e tornar o mundo mais unido” (<https://newsroom.fb.com/company-info/>)

“ Acreditamos na liberdade de expressão e pensamos que cada voz tem o poder de impactar o mundo” <https://about.twitter.com/pt/values.html>

Com base nessas “missões”, poderíamos agrupar os esforços dessas empresas com aqueles dos filósofos iluministas. “Dar a todos uma voz e revelar o mundo” poderia ter sido um lema da Revolução Francesa. Entretanto, a mensagem se encontra na estrutura da mídia, não na propaganda. Ganham voz no YouTube os discursos que são recomendados na página inicial ou que são colocados pelo algoritmo no topo da lista de pesquisa para certos termos. Um usuário do YouTube ouve aquilo que um algoritmo decide que ele gosta de ouvir. As eleições de 2018 no Brasil foram apenas mais um exemplo de que o Facebook não cria uma comunidade, mas sim várias bolhas ideológicas, promovendo um sentimento de que o diálogo entre diferentes é impossível. Se uma empresa desse tipo lucra com a insistência compulsiva do usuário em um formato de conteúdo, então a mensagem das “novas mídias” é a obstinação, a segregação de grupos cada vez mais aprofundados em seus afetos e dogmas. Em alguma medida o lugar político das redes sociais já é discutido pelo público amplo, em grande parte graças aos esforços de figuras como Edward Snowden e Julian Assange:

“ A natureza platônica da internet, das ideias e dos fluxos de informações, é degradada por suas origens físicas. Ela se fundamenta em cabos de fibra óptica que cruzam oceanos, satélites girando sobre nossas cabeças, servidores abrigados em edifícios, de Nova York a Nairóbi. O novo mundo da internet, abstraído do velho mundo dos átomos concretos, sonhava com a independência. No entanto, os Estados e seus aliados se adiantaram para tomar o controle do nosso novo mundo – controlando suas bases físicas. O Estado, tal qual um exército ao redor de um poço de petróleo ou um agente alfandegário forçando o pagamento de suborno na fronteira, logo aprenderia a alavancar seu domínio sobre o espaço físico para assumir o controle do nosso reino platônico. O Estado impediria nossa tão sonhada independência e, imiscuindo-se pelos cabos de fibra óptica, pelas estações terrestres e pelos satélites, iria ainda mais longe, interceptando em massa o fluxo de informações do nosso novo mundo – a sua própria essência –, ao mesmo tempo que todos os relacionamentos humanos, econômicos e políticos o receberiam de braços abertos. ”
(Assange; Maguhn; Appelbaum; Zimmermann, 2013, pg. 23)

Assange discute a interferência de autoridades e seus respectivos interesses econômicos ou militares sobre as possibilidades da internet. No contexto das redes sociais, o usuário tem seu comportamento influenciado pela própria estrutura de cada uma dessas plataformas. A influência de um algoritmo sobre nossos desejos e opiniões é anterior à influência que o Estado pode exercer sobre as informações geradas na internet. O roubo e a eliminação de informações são possibilidades dadas nos termos de uso com os quais todo usuário deve concordar. Nas redes sociais, o controle de informações que seria no contexto mais amplo da internet uma intervenção do Estado é um contrato privado com uma empresa. Enquanto usuários de redes sociais, recebemos a espionagem e a manipulação de braços abertos por conta de promessas como conveniência e segurança. Mas os verdadeiros termos dessas promessas são determinados pela estrutura dessas plataformas. Redes sociais como o Facebook e o YouTube são oferecidas por empresas em um sistema de produção, um sistema capitalista. A “missão da empresa” é, como condição de existência, gerar lucro. O acesso aparentemente gratuito do público a essas plataformas é condicionado pelos anúncios publicitários visualizados pelos usuários. Essas plataformas não são públicas nem gratuitas. Podemos dizer que um indivíduo recebe acesso a essas redes em troca de seu tempo visualizando anúncios ou conteúdos que empresas escolheram

associar a seus anúncios. Isso significa que essas redes são projetadas para que o usuário tenha o máximo possível de interação com propagandas. Se algumas empresas que fazem parceria com o YouTube decidem não associar suas marcas a “temas polêmicos”, o algoritmo da rede será ajustado para reconhecer termos associados a esses temas e impedir que anúncios sejam atribuídos aos respectivos vídeos. Os usuários profissionais da rede, diante disso, evitam esses temas em seus vídeos, para que não sejam “desmonetizados”⁴.

Se um usuário assiste vários vídeos nos quais surgem certos termos (“esquerdista”, “bolsominion”, etc.), o algoritmo recomenda outros vídeos de vocabulário semelhante para mantê-lo engajado na plataforma e assistindo anúncios. Quanto maior a obsessão do usuário com certos termos, mais facilmente o algoritmo encontra vídeos que resultam em novos acessos. Quanto mais extremada a visão de um “criador de conteúdo político”, mais simplificado será seu discurso, e discursos simplificados se resumem sempre aos mesmos conceitos. Quanto maiores e mais violentos forem os afetos de amor e de ódio que motivam o consumo de discursos nas redes sociais, mais facilmente se aplicam os mecanismos de reforço positivo do algoritmo. Discursos extremistas e superficiais repetem as mesmas palavras-chave com grande frequência e em padrões previsíveis, e essa previsibilidade do fanatismo é precisamente um dos principais fatores para o lucro de todas as empresas que procuram “dar voz às pessoas”. Discursos profundos e sensíveis quase sempre demonstram um repertório conceitual pouco previsível, sendo elaborados com diversos cuidados estéticos, epistêmicos, éticos e pedagógicos. Além disso, para prever o funcionamento de discursos com alguma riqueza conceitual, os programadores dos algoritmos teriam que ser profundamente eruditos nos mais diversos campos do conhecimento, enquanto no caso de discursos superficiais e fanáticos uma observação das repetições de termos como “esquerdista” e “doutrinação” é suficiente. A simplificação é importante para o sucesso dessas empresas justamente porque os algoritmos atuais cometem erros grosseiros diante de qualquer

4 Vídeos desmonetizados não geram renda para seus autores. Muitos Youtubers insatisfeitos com essa dependência buscam plataformas externas de financiamento como o Patreon e o Apoia-se, nas quais seus seguidores financiam os vídeos. É uma estratégia de resistência para o criador de conteúdo, mas essas plataformas também contém jogos de condicionamento como metas de doações com recompensas.

complexidade⁵. Tanto pela segurança do resultado quanto pela projeção de lucro, essas empresas optam pelo cultivo do fanatismo político, embora suas respectivas “missões” sejam sempre politicamente neutras e voltadas para o diálogo. Por conta da ilusão produzida de que essas redes sociais são espaços públicos e neutros, plataformas como o Facebook, o Twitter e o YouTube assumiram o lugar de espaços políticos fundamentais. São realmente plataformas nas quais consumimos produtos de entretenimento. A aceitação inconsciente da mensagem do meio faz com que o comportamento nas redes sociais seja naturalizado e transferido para outros âmbitos.

A linguagem que um sujeito usa não é apenas um meio de expressão de seus pensamentos. Se trata também de um processo de produção e reprodução de subjetividade, um processo de afirmação e repetição de comportamentos que cria formas de pensamento, que cria percepções da realidade. Quando um sujeito escreve mensagens, comentários e postagens utilizando um celular, convém que a linguagem seja simples, com diversas abreviações e pouca elaboração retórica. Isso tem como efeito a longo prazo uma estagnação no léxico do sujeito, que não aprende novos termos e conceitos com tanta frequência quanto ocorreria no contato com uma pluralidade de recursos retóricos. Essa estagnação linguística tem relação direta com uma estagnação do pensamento, pois se a consciência do sujeito se encontra limitada a poucas ferramentas conceituais, a tendência é que suas reflexões se tornem circulares e baseadas nesses termos mesmo quando eles não são adequados para a discussão do assunto em questão (algo que ocorre notavelmente com termos como “esquerda” e “direita, que são aplicados como critérios principais nos mais inadequados contextos). A princípio, as redes sociais são espaços de entretenimento. Mas, enquanto falamos de política nesses espaços, a lógica do entretenimento que consumimos e o formato de nossa linguagem política se influenciam. Enquanto as empresas responsáveis apenas se beneficiam desse processo, o público e a política se afundam no fanatismo.

5 Por exemplo, inúmeros Youtubers relatam frequentemente que seus vídeos são desmonetizados ou mesmo tirados do ar porque o algoritmo os identifica como casos de plágio ou violação de direitos autorais sem que o material contenha elementos para tais conclusões.

3. A Política como Entretenimento

Conforme o discurso político é produzido e consumido em plataformas de entretenimento, a política e a diversão passam a funcionar de maneira semelhante. Diversas “celebridades” de redes sociais alcançaram cargos públicos nas últimas eleições ao redor do mundo. Canais de YouTube como o “Movimento Brasil Livre”⁶ conquistaram capital político com um misto de narrativas ideológicas e memes. Esse tipo de canal oferece notícias, uma plataforma para mobilizações políticas, comentários ideológicos sobre filmes, entrevistas, memes, etc. O seguidor desses canais de entretenimento político consome grande parte de seu tempo livre inutilmente em uma confusão entre distração e engajamento, finalidades opostas que se neutralizam. A política nas redes sociais sofre hoje a degeneração do tempo livre que Adorno observou no entretenimento:

“ A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada pelos que querem se subtrair aos processos de trabalho mecanizado, para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização adquiriu tanto poder sobre o homem em seu tempo de lazer e sobre sua felicidade, determinada integralmente pela fabricação dos produtos de divertimento, que ele apenas pode captar as cópias e as reproduções do próprio processo de trabalho. O pretensu conteúdo é só uma pálida fachada; aquilo que se imprime é a sucessão automática de operações reguladas. Do processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode fugir adequando-se a ele mesmo no ócio. Disso sofre incuravelmente toda diversão. O prazer congela-se no enfado, pois que, para permanecer prazer, não deve exigir esforço algum, daí que deva caminhar estreitamente no âmbito das associações habituais. O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve toda e qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo — que desaparece tão logo se dirige à faculdade pensante — mas por meio de sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada.” (Adorno, 2009, pg. 19)

6 <https://www.youtube.com/channel/UC8QAdpiEWA0g3AOCCFDCOYw>

O sujeito que passa a maior parte de seu tempo realizando um trabalho que detesta ou apenas suporta tende a continuar na lógica do labor em seu tempo livre, transformando seu lazer em uma sequência de tarefas automáticas. O sujeito se aliena tanto para suportar o trabalho quanto para esquecê-lo enquanto pode. A indústria cultural oferece infinitos estímulos, mantendo cada trabalhador ligeiramente feliz num ambiente repleto de atrações, acontecimentos e produtos disponíveis. A arte produzida como produto para esse sistema precisa ser leve, fácil, precisa ser produzida em massa e manter o condicionamento do público. Atualmente, vivemos sob uma indústria de entretenimento político que aplica e aprimora as técnicas de condicionamento estabelecidas na indústria cultural. O sujeito contemporâneo consome política e entretenimento ao mesmo tempo. A diversão enfadonha que Adorno descreve se associa a um engajamento inútil em disputas especulativas nas redes sociais. Indivíduos que apoiam tendências diversas trocam insultos e sofismas como se estivessem se divertindo ou conquistando algo. O resultado obtido por cada um nessas disputas é o esvaziamento amargo de seu tempo livre. Além de um divertimento enfadonho, a indústria de entretenimento político manipula a indignação da mesma forma. O sujeito se indigna momentaneamente durante seu tempo livre ao ler algumas postagens e comentários, dispersa sua energia com uma raiva sem perspectiva de ação e logo retoma sua rotina de trabalho aparentemente distante da política, que nesse contexto é reduzida a uma disputa de especulações alheias às responsabilidades do indivíduo. O sujeito cultivado pela indústria de entretenimento político não demonstra engajamento em assuntos nos quais ele tem influência de fato, mas passa grande parte de seu tempo consumindo sofismas voltados a eventos distantes de sua realidade. Por exemplo, em todos os maiores canais brasileiros que apoiaram a candidatura de Jair Bolsonaro, circulou a denúncia do “kit gay”, de um material didático voltado a transformar as crianças em homossexuais. O material nunca foi visto em nem uma única escola do território nacional, mas a informação falsa foi muito mais discutida nas eleições de 2018 que qualquer questão educacional de fato. Em momentos políticos básicos como as reuniões de pais e mestres nas escolas, observamos um esvaziamento de sentido. Poucos responsáveis frequentam as reuniões, e entre esses poucos são raras as perguntas para além de “que nota meu filho tirou?”. Enquanto isso nas redes sociais diversas narrativas sobre educação são fervorosamente discutidas, sem que ocorra nenhum aumento no interesse do público em estudos de fato

pertinentes para essas questões. O indivíduo que passa horas falando sobre Paulo Freire e Marx mas não estuda nenhuma referência por si mesmo não se apropria de nada, não desenvolve a si próprio em nenhum sentido. Seu tempo nas redes sociais é dedicado inteiramente ao benefício das empresas responsáveis pelas plataformas e dos influenciadores digitais.

O consumidor de entretenimento político produz e procura diversos documentários, artigos e vídeos contendo contrassensos cada vez maiores. Assim como nos comerciais, os sofismas políticos precisam se tornar cada vez mais inusitados diante de um público bombardeado diariamente com estímulos. Nos meios onde circulam narrativas antiacadêmicas, por exemplo, surge o terraplanismo, que ganha espaço nas redes sociais e até mesmo em alguns programas de rádio e televisão produzindo especulações inúteis que chamam a atenção do público com facilidade justamente pelo contrassenso. Nenhum terraplanista demonstra interesse em física ou em experimentos científicos. Esses indivíduos se interessam pela vitória e pelo heroísmo que o senso comum constrói em torno da figura do cientista genial. O terraplanista quer ser o sujeito que argumentou contra tudo e contra todos, que foi chamado de louco e herege mas tinha razão – mas não quer ser o sujeito que passa anos de sua vida fazendo experimentos trabalhosos e rigorosos. Ao mesmo tempo que o terraplanista se diverte produzindo sofismas sem propósito, muitos indivíduos se divertem procurando esses argumentos e tendo o trabalho de refutá-los. O divertimento não se baseia principalmente em sensações agradáveis, mas antes de tudo na distração. Assim o engajamento irrelevante nas redes sociais mantém igualmente aqueles que concordam e aqueles que discordam de uma determinada narrativa. Para os fins financeiros das empresas responsáveis pelas redes sociais, é conveniente em todos os aspectos que a confusão aconteça e se intensifique. Quanto mais redutível a memes a política se torna, mais conteúdo é produzido e consumido por mais indivíduos e com mais frequência. O uso constante de uma linguagem política simplificadora que procura despertar o máximo de afetos com o mínimo de elaboração do discurso cultiva um sujeito político que não domina nenhum outro repertório conceitual além de termos como “direita” e “esquerda”. Os criadores de conteúdo precisam

produzir informações e narrativas em massa diante das demandas da indústria cultural e dos hábitos de consumo do público. Isso já era observável no jornalismo antes das redes sociais, mas nas “novas mídias” o tempo de consumo é mais rápido e a demanda se intensifica. Assim, a promessa de que as “novas mídias” possibilitariam um jornalismo de maior qualidade falha. Influenciadores digitais produzem opiniões rasas em massa sob demanda do público, que quer ver cada um de seus influenciadores favoritos falando sobre cada assunto. Qualquer aprofundamento intelectual demanda um tanto de silêncio e seleção. Os influenciadores que sempre dizem algo naturalmente produzem discursos circulares e vazios.

Nesse cenário boatos, superstições e exageros circulam com muito mais facilidade que teses filosóficas, explicações científicas de fenômenos e mensagens razoáveis em geral. Por exemplo, no vídeo “DEBUNKED: The Crusades Myths” (REFUTADO: Mitos sobre as Cruzadas)⁷ o influenciador digital Steven Crowder apresenta por 12 minutos alguns argumentos revisionistas a respeito das Cruzadas e do papel econômico e militar do cristianismo em geral. Crowder afirma que seu vídeo é uma refutação exaustiva (**12 minutos**) dos erros cometidos por pesquisadores e ensinados por professores universitários. Apesar de se basear na obra de um físico que comete diversos erros técnicos e se associa ao supremacismo branco, o vídeo tem cerca de 11 milhões de visualizações e se tornou muito popular em grupos políticos “conservadores”. Logo abaixo na pesquisa para o tema “Crusades”, se encontra um vídeo resposta de outro Youtuber⁸, com duração de uma hora e cerca de 500 mil visualizações. Em 12 minutos Crowder diz refutar o consenso acadêmico sobre as Cruzadas e ainda tem tempo para inserir memes e piadas. O vídeo resposta é uma aula de história, baseada em um grande número de livros e artigos publicados por historiadores de fato. O conteúdo amador e superficial produzido por figuras como Crowder e por grupos como o MBL é mais eficiente na plataforma que produções que demandam algum esforço intelectual do público. Os consumidores se acomodam a essa baixa demanda de atenção e

7 <https://www.youtube.com/watch?v=8prwEJk3Ds>

8 <https://www.youtube.com/watch?v=ejdklFwPQc>

aprofundam seus vícios intelectuais. Cultivamos assim um público que não entende o valor do estudo aprofundado, que busca seu desenvolvimento intelectual nas compilações de sofismas incompetentes produzidas por influenciadores que são tomados como exemplos intelectuais.

Aqueles que procuram fazer uma oposição cultural aos canais que dominam a plataforma frequentemente acabam entrando acidentalmente na lógica do entretenimento político. Com a ascensão de muitos influenciadores digitais reacionários no Brasil surgiram canais dedicados a uma “resistência” contra essa tendência. Entretanto, os canais de “resistência” frequentemente se tornam espelhos dos canais reacionários, porque criticam o conteúdo assumindo a mensagem do meio. Para cada vídeo que um sujeito como Crowder publica, diversos canais publicam respostas e comentários criticando e repudiando seu conteúdo. O resultado disso é que os canais e agentes reacionários determinam os assuntos tratados a todo momento. Se Bolsonaro pergunta em seu Twitter “O que é golden shower?”, seus opositores fazem vídeos sobre esse assunto, ignorando questões políticas de fato como a reforma da previdência, as mudanças feitas nas universidades, etc. Mesmo que os discursos produzidos contenham duras críticas ao presidente, de qualquer maneira ele determina qual é a conversa e qual é a lógica da discussão. “Conservadores” e “progressistas” produzem vídeos na lógica do entretenimento político igualmente, o que favorece as lideranças políticas que utilizam esse sistema estrategicamente. Toda crítica se torna impotente se assumimos um sistema de condicionamento que a neutraliza tanto no discurso quanto na ação.

4. Engajamento Filosófico

O pensamento crítico não é por si mesmo capaz de evitar o condicionamento de uma estrutura de poder capaz de se fortalecer com a contradição entre os mais extremos opostos. Aceitando ou rejeitando um discurso, o sujeito é influenciado quando reage a um conteúdo específico em um momento específico. Somos capazes de avaliar criticamente uma situação quando conhecemos diversas possibilidades práticas e teóricas, quando temos um repertório conceitual com o qual podemos avaliar a realidade por diversos ângulos. Mas nosso entretenimento político reduz as mais diversas perspectivas a pouco mais que duas possibilidades, ao mesmo tempo que cria uma ilusória pluralidade de conteúdo. O pensamento crítico precisa então de ferramentas conceituais para seguir em outras direções se desejamos conceber outras estruturas. A falta dessas ferramentas é um sintoma da ausência de projeto intelectual no sujeito. A indústria de entretenimento político cultiva mentes dispersas que transitam entre as mais diversas e opostas informações acidentalmente, sem que se tenha um propósito intelectual em mente. Essa ingenuidade nos enraíza profundamente em um sistema que explora nossa energia e nosso tempo, que impede o desenvolvimento intelectual. Em oposição a esse condicionamento, a percepção de tempo extemporânea de Nietzsche é uma ferramenta potente de criação:

“Acaso vos aconselho o amor ao próximo? Antes vos aconselho a fuga do próximo e o amor ao remoto! Mais elevado que o amor ao próximo é o amor ao longínquo, ao que está por vir, mais alto ainda que o amor ao homem coloco o amor às coisas e aos fantasmas. Esse fantasma que corre diante de vós, meus irmãos, é mais belo que vós. Por que lhe não dais a vossa carne e os vossos ossos? Mas tende-lhes medo e fugis à procura do vosso próximo. Não vos suportais a vós mesmos e não vos quereis bastante; por isso desejais seduzir o próximo a que vos ame, e dourar-vos, com a sua ilusão.[...] Chamais uma testemunha quando quereis falar bem de vós, e logo que a haveis induzido a pensar bem da vossa pessoa, vós mesmos pensais bem da vossa pessoa.

Não só mente o que fala contra a sua consciência, mas sobretudo o que fala com a sua inconsciência. E assim falais de vós no trato social, enganando o vizinho.

[...] Não falo do próximo; falo só do amigo. Seja o amigo para vós a festa da terra e um pressentimento do Super-homem. Falo-vos do amigo e do seu coração exuberante. Mas é preciso saber ser uma esponja quando se quer ser amado por corações exuberantes. Falo-vos do amigo que leva em si um mundo disponível, um invólucro do bem — do amigo criador que tem sempre um mundo disponível para dar. E como se desenvolveu o mundo para ele, assim se envolve de novo: tal é o advento do bem pelo mal, do desígnio pelo acaso. Sejam o porvir e o mais remoto a causa do vosso hoje; no vosso amigo deveis amar o Super-homem, como razão de ser. Meus irmãos, eu não vos aconselho o amor ao próximo; aconselho-vos o amor ao mais afastado”.

(Nietzsche, 2002, pg.91)

O amor ao próximo que Nietzsche critica é a entrega do sujeito às suas circunstâncias imediatas. Entregar-se a uma busca por pertencimento é uma inconsciência que faz de cada sujeito uma ferramenta. Nos grupos de diversão ideológica que formamos agindo na “atualidade”, o valor de cada um é definido por sua identidade declarada e por sua dedicação às narrativas que constituem o grupo. O sujeito contemporâneo se desenvolve em direções predeterminadas socialmente. “Ser de direita”, “ser de esquerda” – a busca por pertencimento nesses grupos genéricos que estabelecemos apenas esvazia o sujeito e o torna “supérfluo”, nas palavras de Zarathustra. Transformamos descrições instrumentais e genéricas de nossas inclinações políticas em definições de quem somos. Quanto mais “de esquerda” um indivíduo se torna, mais ele se parece com o estereótipo mais baixo associável ao grupo. Além da pressão que cada grupo político exerce para que o indivíduo se pareça mais com uma idealização ou propaganda do que com si mesmo, o próprio indivíduo engajado nessa “atualidade” busca conscientemente ser estereotipado. O sujeito que se torna “conservador” ou “progressista” faz questão de propagar sempre as mesmas opiniões associadas ao grupo que escolheu, mesmo quando não compreende o sentido adequado dos conceitos ou quando eles não afirmam sua forma de ser em nenhum sentido. Essa massificação conceitual está na direção contrária de qualquer emancipação, diversificação ou fortalecimento. Se cada sujeito adota um conjunto pronto de conceitos e opiniões para depois refletir sobre sua vida com a expectativa de que ela mude de acordo, em vez de elaborar seus conceitos para afirmar sua vida, o que podemos esperar

da mobilização política resultante? A política se torna uma luta entre narrativas fúteis que ignoram o que de fato acontece em cada vida e a forma como cada vida se afirmaria.

Cada um é capaz de criar sua direção, de elaborar sua direção filosófica, seus valores, suas virtudes que fortalecem sua vida. O “fantasma” que Zaratustra vê como mais belo que cada um de nós é a visão de um ideal conscientemente construído para fortalecer a vida. O indivíduo que assume a si mesmo como uma obra de arte não é contemporâneo, é extemporâneo como o próprio Nietzsche. Um sujeito que assume seu poder de criar a si mesmo tem consciência de sua própria direção e não é dependente dos boatos que movimentam a “atualidade”, essa falsificação do fato de que cada um tem seu próprio tempo. Com seu conceito de Super-homem, Nietzsche nos lembra de que a espécie humana é capaz de se transformar, de escolher sua direção e se fortalecer. Com o poder criativo abandonado ao acaso ou subjugado ao pertencimento na “atualidade”, nos esquecemos de que somos capazes de fazer a história. Quem depende de notícias, opiniões, identidades, ou de qualquer “objetividade” para justificar as próprias ações e ideias tem uma relação passiva com a história. O criador anunciado por Zaratustra faz com a história aquilo que deseja, usa as referências do mundo para seus propósitos, seleciona apenas aquilo que pode fortalecer seus compromissos voluntários e escolhe conscientemente o que vê em cada referência. É assim, por exemplo, que se distingue entre a prática da filosofia e a prática do comentário sobre a filosofia. Enquanto o comentador de filosofia toma a obra de um filósofo como um objeto a ser tecnicamente compreendido (evitando a todo custo dizer qualquer coisa que não seja justificada objetivamente pelas referências), o filósofo usa a história da filosofia para afirmar aquilo que ele quer dizer – fazendo com que seu desejo crie uma “objetividade” .

A proposta de que sejamos extemporâneos pode soar a muitos como um psicologismo no campo da política, ou seja, como uma redução de uma estrutura objetiva a reflexões existenciais

particulares. Mas o que observamos na ascensão de figuras como Trump e Bolsonaro é exatamente uma falta de boa psicologia nos movimentos políticos. Um sujeito que não assume responsabilidade intelectual sobre si mesmo e permanece ludibriado por sua inconsciente busca por pertencimento em narrativas impossíveis ou inúteis busca a política por péssimas razões. Os “supérfluos” buscam a política como Zaratustra descreve, em um movimento de fuga e projeção. Identidades confusas e fracas são afirmadas no ataque ao outro e na formação de grupos genéricos, o que naturalmente cultiva o fanatismo e a destruição da política. O indivíduo se envolve na política por bons motivos quando busca o reforço de seu desejo e de sua vida. Assim cada membro do movimento resultante é como o amigo do qual fala Zaratustra, alguém que carrega em si um mundo a ser construído e que vê no outro a criação de uma humanidade renovada. O indivíduo que ignora a si mesmo mas busca solucionar o enigma de sua vida na política está fadado a praticar a política do ressentimento e da vingança, porque não tem em si a possibilidade de afirmar algo sem atacar algum outro, sem se definir como “bom” porque combate algo que é “mau”. Quando nos emancipamos dessa inconsciência e buscamos a política para que a estrutura social seja capaz de suportar nossa força e nossa diversidade, praticamos a política da afirmação, nos definimos em função do que somos e do que queremos, e o “combate” nesse contexto se torna algo inteiramente metafórico, se torna uma disputa cultural na qual observamos e desconstruímos aquilo que de maneira geral impede a criatividade na vida.

Mesmo esse combate cultural é diferente do que fazemos quando tomados pelo ressentimento e pelo fanatismo. Nas redes sociais observamos que pessoas são atacadas, que argumentos servem como instrumentos de desmoralização e que “a verdade” é em geral utilizada como uma arma. Youtubers reacionários como Fernando Moura e Bernardo Kuster são exemplos de que o entretenimento não depende de sensações agradáveis. O ódio, o desprezo e a indignação são manipulados em todo o meio que cerca o conteúdo produzido por essas figuras. Os vídeos de Fernando Moura⁹ se tornaram populares por causa de seus ataques pessoais a outros Youtubers,

9 <https://www.youtube.com/channel/UCOOCeqi5txwviDZ4M5W9Q5g>

mobilizando um público que gosta de odiar pessoas. Em resposta, ele é odiado por outros Youtubers que produzem vídeos de entretenimento baseados na indignação contra os ataques de Fernando Moura e no escárnio de seus erros teóricos (como a afirmação de que Josef Stalin recebeu o prêmio Nobel da Paz). Mesmo que a indignação das respostas seja justa, no fundo a discussão se torna uma troca de ataques e um entretenimento mórbido. O mesmo pode ser dito sobre o sensacionalismo de Kuster. No vídeo “URGENTE- A NOVA ESTRATÉGIA DO PT”¹⁰, o católico reacionário que preferiria viver em 1762 discute uma ligação na qual o ex presidente Lula afirma que seria o único capaz de incendiar o Brasil. O Youtuber defende que existem fortes evidências para acreditarmos que a afirmação de Lula foi literal – como um ato de vingança por sua derrota política, o PT teria se convertido em uma organização terrorista. Kuster cita eventos como um incêndio que ocorreu no alojamento de um time de futebol e a queda do helicóptero que transportava Ricardo Boechat como evidências de que estão acontecendo desastres relacionados ao fogo e, portanto, ao PT¹¹. Durante o vídeo Kuster diz “Dostoiévski previu o que aconteceria no Brasil”, em uma tentativa tragicômica de demonstrar conhecimento diante de uma população intelectualmente abandonada pelo meio acadêmico.

Qualquer um que decida responder ao conteúdo do vídeo de Kuster está fadado a atacar sua figura, atacar sua soberba, a estupidez de sua “hipótese”, o fanatismo de seus seguidores, etc. Não existe nesse vídeo nenhuma tese que possa ser criticada em um processo de refinamento intelectual, apenas uma armadilha de um movimento fanático. Para criticar a ética de Kant, precisamos produzir reflexões profundas sobre ética. Para criticar argumentos céticos, precisamos produzir epistemologia. Mas o conteúdo produzido por Kuster é apenas uma fachada, realmente uma propaganda sobre si mesmo enquanto conservador puro e criador de ideias

10 <https://www.youtube.com/watch?v=5-3TwPzi9yI>

11 Posteriormente, notamos nos comentários que os seguidores de Bernardo interpretaram os incêndios na Amazônia a partir do vídeo, exemplificando o encadeamento de superstições que discutimos no primeiro capítulo e o diagnóstico geral de o movimento conservador predominante no Brasil é fanático.

profundamente originais. É diante disso que se torna importante o desprezo Nietzscheano, a consciência de que devemos combater oponentes dignos e apenas naquilo em que eles demonstram dignidade. Nossos projetos de vida se influenciam no contato com o outro, seja um contato de adesão ou rejeição. Entre um universo de referências possíveis, nos encontrarmos especificamente com uma é uma profunda determinação. Então, como Zaratustra que passa em silêncio pelos sacerdotes, que fala do cristianismo mas não do cristão, é essencial que cada um escolha suas “batalhas” de acordo com uma direção consciente. No entretenimento político, procurar alvos fáceis é a prática comum. Nisso consiste o sucesso de figuras como Fernando Moura e Bernardo Kuster. Esses influenciadores sempre caracterizam seus oponentes (tomados realmente como inimigos) da forma mais baixa possível, evitando desesperadamente seus méritos na discussão. O sujeito que consome esses discursos se orgulha de sua inteligência sem precisar fazer esforço, posto que esses influenciadores nivelam a discussão por baixo. Os argumentos produzidos em resposta aos espantalhos construídos são naturalmente de baixo nível, o que permite que qualquer influenciador “de esquerda” responda ao conteúdo também com pouco esforço, aceitando a mensagem do meio. Construindo sua própria mensagem, o extemporâneo busca a forma mais refinada de cada ideia, busca em seus oponentes aquilo que eles tem de mais nobre. Assim a resposta elaborada eleva a discussão e a inteligência do público.

A internet e as redes sociais são ferramentas que possibilitam a criação de grandes obras, tanto quanto a reprodução do obscurantismo contemporâneo. O erro daqueles que acabam contribuindo com o condicionamento descrito não está no uso das plataformas, mas na ausência de cuidado com a forma e na ausência de conhecimento da estrutura do meio. Conhecendo a estrutura e suas armadilhas, “criadores de conteúdo” podem ser criadores de fato, que utilizam a plataforma conscientemente. Diversos canais no YouTube criam vídeos com reflexões originais¹²

12 A originalidade é definida no senso comum como a criação de algo único. Essa definição não é compatível com um estudo cuidadoso da história, que não revela o surgimento espontâneo de obras únicas, mas sim uma relação ativa com a história por parte de criadores que se apropriam de conteúdos já existentes. Uma obra original surge então como uma transformação do conteúdo pela vontade do criador.

e usam as possibilidades da plataforma como a interatividade com o público na direção do desenvolvimento intelectual e político. A Youtuber formada em filosofia Natalie Wynn faz vídeos de alta qualidade com humor, referências filosóficas e reflexões próprias sobre problemas contemporâneos que se tornaram conhecidos por terem alcançado jovens “conservadores”, tornando suas perspectivas mais razoáveis¹³. Por exemplo, em seu canal encontramos um vídeo sobre os incels¹⁴, um grupo que se tornou detestado na internet por sustentar ideias sexistas. Em vez de atacar os incels (o que é fácil e é feito frequentemente), Natalie faz uma análise antropológica do jovem branco sexualmente frustrado, explicando os elementos de nossa sociedade que produzem doenças mentais e dificuldades nas relações humanas. Assim seu conteúdo aborda a partir do tema disparador muitas outras temáticas profundas que trazem um público que normalmente consumiria conteúdo barato e machista na internet para um diálogo esclarecedor. Em uma direção semelhante, canais como o Tempero Drag¹⁵ e o Philosophy Tube¹⁶ praticam a divulgação filosófica e o esclarecimento político, desmistificando os espantalhos construídos por movimentos reacionários para que uma discussão de ideias possa acontecer.

Podemos observar nesses canais uma extemporaneidade. No caso de canais como os de Natalie e Oliver, os autores prezam pela qualidade em vez da quantidade quando se trata da edição do vídeo e da mensagem. Assim, o conteúdo desses canais não acompanha o ruído dos acontecimentos e dos boatos, seguindo em uma direção intelectual própria. Mesmo no caso de canais como o Tese Onze¹⁷, contendo vídeos com uma edição simples, notamos que a autora não determina seus temas reativamente, escolhendo os assuntos e os objetos de crítica a partir de sua

13 <https://www.youtube.com/watch?v=2NrZ4-FZx6k>

14 <https://www.youtube.com/watch?v=fD2briZ6fB0>

15 <https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-g>

16 <https://www.youtube.com/user/thephilosophytube>

17 <https://www.youtube.com/channel/UCOfGGprijDIIQ3ykWvcB9hg>

própria direção. A postura intelectual desses criadores não muda o fato de que o obscurantismo é atualmente mais eficiente na plataforma, por sua produtibilidade e reprodutibilidade em massa. Mas o canal de Natalie alcança em média um milhão de visualizações por vídeo pouco tempo após cada publicação e continua crescendo. Igualmente, canais como o Tese Onze e o Tempero Drag praticam divulgação científica de alta qualidade e promovem o diálogo para um público crescente, que antes escolhia entre consumir fanatismo e abandonar a plataforma. O canal de Pirula¹⁸ realiza divulgação científica para um público amplo em vídeos longos e praticamente sem edição, mostrando que mesmo sem o formato de vídeos curtos e repletos de memes na edição encontramos uma demanda da população por referências intelectuais. O que se produz nesses canais é política de fato, em oposição a uma política partidária superficial que foi absorvida pela indústria de entretenimento justamente por ser baseada em superstições.

A aporia frequente tanto no senso comum quanto no meio acadêmico diante do obscurantismo atual é em grande medida supersticiosa. Diante de fenômenos sociais muito mais antigos e amplos que nós, é comum sentirmos medo e impotência. Mas notamos que existem explicações para os fenômenos que observamos, causas para cada efeito. Se fazemos críticas a um conteúdo assumindo a mensagem do meio, existe uma causa para o fracasso da crítica. Se negligenciamos a função pedagógica da academia, existe uma causa para o anti-intelectualismo. É por conta da necessidade urgente de que causas semelhantes sejam reveladas que a divulgação filosófica e a prática ativa da filosofia se tornam essenciais. As narrativas mais comuns, inclusive no meio acadêmico, associam a decadência da política a um ou outro grupo especificamente. Embora existam grandes diferenças nos conteúdos dos discursos entre cada partido, a decadência da política está principalmente na forma, e a ausência da filosofia no espaço público representa uma mensagem de empobrecimento do sujeito político. O espírito iluminista traz a autoridade para o conhecimento, esvazia grande parte do poder econômico, religioso e militar. É precisamente por

18 <https://www.youtube.com/channel/UCdGpd0gNn38UKwoncZd9rmA>

isso que o isolamento da filosofia é conveniente para os fanáticos, e cabe a cada um a decisão de atender a vontade de morte dos supérfluos ou batalhar por outras que afirmam a vida.

REFERÊNCIAS

VOLTAIRE. **Tratado Sobre a Tolerância**. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “O que é o Esclarecimento?”**. Secretaria de Estado de Educação do Paraná: Curitiba, 2009.

HUME, David. **Essays: Moral, Political and Literary**. Liberty Fund: Indianápolis, 1987.

ESPINOSA, Baruch. **Tratado Teológico-Político**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda: Lisboa, 2004.

CIORAN, Emil. **Breviário de Decomposição**. Rocco, segunda edição: Rio de Janeiro, 1995.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Tradução livre. 1964.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Folha de São Paulo: São Paulo, 1999.

STIEGLER, Bernard. **Destruição digital. Entrevista com Bernard Stiegler**. Avvenire: Milão, 2018.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Paz e Terra, quinta edição: São Paulo, 2009.

ASSANGE, Julian ;et al. **Cypherpunks**. Boitempo: São Paulo, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra**. Fonte Digital: São Paulo, 2002.

